

**Convenção para o Futuro da Europa**  
**- O funcionamento das instituições -**  
**Sessão Plenária de 20 e 21 de Janeiro de 2003**

Há muita gente, dentro e fora deste fórum, que hoje se interroga sobre a questão de saber se verdadeiramente, a Convenção ainda existe ou se politicamente já acabou.

Isto é, se subsiste ainda com a sua matriz inovadora e criativa de responder, aos desafios desta União sem preconceitos ou, se pelo contrário, a invenção do futuro que nos galvanizou há um ano, deu lugar a algum conformismo no presente.

Estamos satisfeitos, confortados e aliviados porque alguém já decidiu por nós, ou continuamos a acreditar que o destino da Europa também nos pertence e está (continua a estar) nas nossas mãos?

Não se trata, Senhor Presidente, de nenhuma crise de existencialismo que atravesse esta Convenção, nem de nenhuma interrogação metafísica sobre o destino da nossa missão aqui.

Trata-se de reconhecer que, há vários meses, fruto da dinâmica e da credibilidade política que granjeou - a que não é estranha a figura e o mérito do Presidente - a Convenção vem mudando a sua natureza, cada vez menos prospectiva e utópica e cada vez mais pragmática e prosélita.

Tendências que se acentuam à medida que se aperta, sobre este fórum, o cerco que nos limita a liberdade intelectual, umas vezes de matriz ideológica, outras vezes por razões de estado e de poder.

Sou dos que acredita que o último contributo que nos chegou, nem por ser de quem é, está condenado a ser o melhor. É um contributo que se funda numa parceria que reforça a força política da Europa. Mas tenho as maiores dúvidas em saber se reforça verdadeiramente a sua eficácia de decisão.

É um contributo que visa a unidade europeia. Mas, não sei se ela se pode fazer a duas vozes. É um contributo que concentra o poder político europeu no Conselho. Mas fragiliza-o porque o nacionaliza.

É uma solução que sufraga a Europa dos Estados, mas tem pouco a ver com a Europa dos cidadãos.

É, finalmente, uma solução democrática mas infelizmente não é igualitária.

Há nesta Convenção inteligência e capacidade para pôr de pé soluções fortes, democráticas e europeias. E não está inscrito na natureza das coisas que as convicções europeias dos cidadãos sejam directamente proporcionais à superfície em quilómetros quadrados ou ao PIB dos Estados membros.

Todos os que aqui estão ou vão chegar em breve, conquistaram a pertinência à Europa, lutando pela democracia e igualdade, contra hegemonias e ditaduras. Por isso, não há europeus mais europeus que os outros.

Esta Convenção, acaba de sofrer um grande desafio. Ou funde os melhores contributos numa proposta autónoma, própria, intelectualmente independente da geografia da União e será convincente e vencedora, ou se limita a remendar e a polir as arestas de projectos nacionais, dando-lhes brilho europeu.

No primeiro caso, ganha-se a história e ganha-se a Europa. No segundo, ninguém mais se lembrará de nós!